

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Notícias Populares Class.: _____

Data: 18.05.80 Pg.: _____

Funai suborna índios com Cr\$ 120 milhões

1980
CUIABÁ, MT (Do correspondente José Calixto de Alencar) — Ao prometer 120 milhões de cruzeiros para os principais líderes xavantes do município de Barra do Garças, em Mato Grosso, que recentemente foram à Brasília fazer uma série de reivindicações, o presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, cometeu não apenas um suborno, mas insinuou entre a Nação Xavante a semente da discórdia, pois, de agora em diante, haverá uma luta interna por posições de liderança para, a partir delas, os novos caciques conquistarem vantagens em benefício próprio.

Este raciocínio — e ao mesmo tempo acusação frontal ao presidente da Funai — foi feito esta semana, em Cuiabá, pelo indigenista Odenir Pinto de Oliveira, juntamente com mais três chefes de postos indígenas de Pimentel Barbosa, Couto Magalhães e Koluene. O ex-chefe da ajudância autônoma da Funai em Barra do Garças, agora afastado do cargo, fez esta denúncia para o alto comando da 13.ª Brigada de Infantaria Motorizada, sediada nesta capital. Odenir promete levar, se possível, a mesma denúncia ao conhecimento do papa João Paulo II, em sua viagem ao Brasil, através de um encontro que está sendo articulado pela CNBB, a pedido das diversas entidades indigenistas que vão realizar dentro de alguns dias um encontro nacional para debater a problemática do índio brasileiro.

"JOGO BAIXO"

Odenir Pinto de Oliveira, que convive há 12 anos com os xavantes, classificou de "jogo baixo" a solução que o presidente da Funai encontrou para "acalmar os ânimos dos caciques xavantes". Ele lembrou que os 30 principais líderes indígenas foram à Brasília para definir o limite oeste da reserva de Pimentel Barbosa e defender a continuidade do "projeto xavante". "Mas acabaram derrotados em suas duas principais reivindicações, porque foram subornados com presentes e a promessa de 120 milhões de cruzeiros até o fim do ano."

Segundo o relato de Odenir ao alto comando da 13.ª BIM, o presidente acabou convencendo os caciques xavantes com "expedientes mesquinhos". "Lá, em Brasília, os caciques foram colocados num hotel de categoria internacional, como o Bristol, e tomaram refeições nos melhores restaurantes. Para completar, o próprio presidente da Funai autorizou a Asplan (Assessoria de Planejamento) a atender todos os pedidos dos caciques xavantes que ficaram deslumbrados com tudo isso, pois a maioria deles não tinha ido a Brasília anteriormente."

"E sabe o que foi o que os líderes xavantes pediram na Asplan? Cada cacique pediu para sua comunidade um trator de esteira, uma tombeira, sendo que o cacique Celestino, da reserva de Parabubure, queria um avião para ficar estacionado em sua aldeia como um veículo de passeio, enquanto os demais saíram da Asplan com vales para comprar roupas, óculos escuros, radinhos de pilha e outras bugigangas" — conta Odenir Pinto,

demonstrando grande irritação e uma ponta de mágoa, ao ver que seu trabalho junto aos xavantes está indo por água abaixo.

CONTAMINAÇÃO CAPITALISTA

O ex-chefe da ajudância da Funai em Barra do Garças, numa audiência que durou cerca de três horas, alertou o alto comando da 13.ª BIM, de Cuiabá para o fato de que "os males que advirão do gesto do presidente da Funai, ao prometer 120 milhões de cruzeiros para as 27 aldeias xavantes de Barra do Garças, são incalculáveis, a médio e a curto prazo". "Além de aumentar a dependência direta do índio diante da Funai, inevitavelmente foi lançado, de maneira inofismável, o vírus da contaminação capitalista, da ambição e da discórdia entre a comunidade indígena de Barra do Garças" — observa o indigenista.

Ele ressalta, por outro lado, que, a partir de agora, os líderes mais novos tentarão desestabilizar os mais velhos, justamente os mais duros e mais conscientes, para, no momento em que conquistar o "status" de cacique ou líder de uma comunidade, ir a Brasília em busca de benefícios para si. Com isso, o ex-chefe da ajudância da Funai em Barra do Garças, agora colocado a serviço do departamento geral de operações em Brasília, prevê que haverá, fatalmente, uma desagregação entre as lideranças dos Xavantes, que hoje constitui um grupo de aproximadamente 6 mil índios.

Ao comentar outros aspectos negativos da decisão do presidente da Funai em dar 120 milhões de cruzeiros para os Xavantes, em quatro parcelas de 30 milhões até novembro deste ano, o indigenista dissidente atendeu para o fato de que "agora, mais do que nunca, os índios serão apontados como privilegiados inúteis que, além de receber vultosas somas em dinheiro do seu órgão de assistência, ainda tenta tomar terras produtivas de grandes fazendeiros".

DENÚNCIA AO PAPA

Dizendo que levará as últimas consequências a sua luta em favor da causa dos Xavantes, o indigenista Odenir Pinto de Oliveira anunciou que diversas entidades que atuam junto às comunidades indígenas do país, como a SBI, ANAI, CIMI, entre outras, estão dispostas a articular um amplo movimento conjunto de apoio a defesa da comunidade Xavante de Barra do Garças.

Este fim-de-semana, em Brasília, os primeiros contatos serão iniciados visando a preparação de um encontro nacional de todas as entidades indigenistas. Antecipadamente, um ponto comum já foi acertado: a situação do índio brasileiro, sobretudo dos Xavantes, será levada ao conhecimento do papa João Paulo II, em sua visita ao Brasil. A própria CNBB já foi acionada para incluir na agenda do papa no Brasil em encontro de Líderes Indígenas com o sumo pontífice da Igreja Católica. No encontro nacional entre as diversas entidades indigenistas, serão definidas outras formas de denúncia da situação do índio brasileiro.